



Luís Jacob & Cachioni Meire (2021). Os professores das universidades seniores Portuguesas. In Joaquim Pinheiro (coord.), *Olhares sobre o envelhecimento. Estudos interdisciplinares*, vol. II, pp. 51-59.

DOI: 10.34640/universidademadeira2021jacobmeire

ISBN: 978-989-8805-65-2

Nota de edição: Respeitou-se a norma ortográfica seguida pelos Autores.

© CDA, Universidade da Madeira

O conteúdo desta obra está protegido por Lei. Qualquer forma de reprodução, distribuição, comunicação pública ou transformação da totalidade ou de parte desta obra carece de expressa autorização dos editores e dos seus autores. Os capítulos, bem como a autorização de publicação das imagens, são da exclusiva responsabilidade dos autores.



Os professores das universidades seniores Portuguesas

LUÍS JACOB¹

CACHIONI MEIRE²

¹Escola Superior de Educação de Santarém

²Escola de Artes, Ciências e Humanidades

luisjacob@ese.ipsantarem.pt

enviado a 23/02/2021 e aceite a 22/03/2021

Resumo

Os professores voluntários são um dos pilares das Universidades Seniores (US) em Portugal, em conjunto com as entidades promotoras e com os alunos seniores. No entanto há pouca literatura sobre esta temática. Neste estudo apresentamos os resultados de um inquérito feito a 575 desses elementos (de uma população de mais de 7.500). Concluímos que os professores são de todas as idades, maioritariamente voluntários e com cursos superiores, dão 2 horas de aulas por semana. Esta população é também representada por reformados e ativos, estão muito satisfeitos com o seu voluntariado e as principais motivações apresentadas são o gosto de ensinar e ajudar o próximo.

Palavras-chave: Universidade Sénior; Professores; Alunos seniores; Ensino-Aprendizagem.

Abstract

Volunteer teachers are one of the pillars of the Senior Universities (US) in Portugal, together with the promoters and senior students. However, there are few studies on this topic. In this study, we present the results of a survey on 575 of them (out of a population of more than 7.500). We conclude that teachers are of all ages, mostly volunteers and with higher education degrees, who give 2 hours of classes per week. Retired and active people also represent this population. They are delighted with their volunteering and the main motivations presented are the pleasure of teaching and helping others.

Keywords: Senior University; Teachers; Senior students; Teaching-Learning.

1. Introdução

A compreensão do processo educativo na perspectiva da aprendizagem ao longo da vida destaca a educação em todos os períodos da vida, inclusive na velhice (Fejes & Nylander, 2019). O conceito de aprendizagem ao longo da vida abrange atividades educativas formais, não formais e informais que objetivam aprimorar conhecimentos, habilidades e competências por razões pessoais ou profissionais (CEC, 2000).

As Universidades Seniores ou da Terceira Idade (US) destacam-se como um movimento mundial de educação não formal para adultos e idosos (Formosa, 2019b). As US surgiram na década de 70, na França, com objetivos de promover a convivência, socialização e prevenção do isolamento social dos adultos e idosos franceses aposentados (Rozendo, 2015). Rapidamente, este modelo educativo espalhou-se pelo mundo, ocorrendo adaptações de acordo com as peculiaridades socioculturais de cada país (Vellas, 2019). De maneira geral, observam-se dois modelos de US principais: o modelo francês (no qual as atividades educativas estão ligadas às instituições de ensino superior formal) e o modelo inglês (oferecidas por grupos informais ou associações sem fins lucrativos, baseadas nos princípios de autoajuda e voluntariado). Notam-se, ainda, outras variações e organizações de modelos próprios adotados por regiões e países

como, por exemplo, o modelo culturalmente híbrido, da América do Sul, da América do Norte de língua francesa e o modelo Chinês (Formosa, 2019b).

A proposta deste artigo centra-se na figura do professor das US, com objetivos de o identificar e de conhecer as suas motivações.

1.1 As Universidades Seniores

Em Portugal, a primeira Universidade Internacional da Terceira Idade fundou-se em 1976, em Lisboa (Teixeira, 2017). Desde então, diversas instituições surgiram no país com diferentes nomenclaturas – como Universidades Seniores, Academias Seniores e Academias de Cultura e Cooperação – sendo a maioria não vinculada às instituições educativas formais (Páscoa & Gil, 2019). Deste modo, as US de Portugal aproximam-se do modelo inglês, por serem criadas por organizações não governamentais e do terceiro setor, as quais promovem educação não formal e informal para adultos e idosos.

As US Portuguesas – designadas, na maioria, como Universidades Seniores (US) – são espaços de estímulo ao convívio, criatividade e aprendizagem para os idosos (Páscoa & Gil, 2019). Desta forma, as US fomentam uma nova perspectiva social para este público, o qual passou a ser visto pela sociedade como “sujeito de ação”, para além da perspectiva assistencialista (Pocinho, Lacerda, & Santos, 2015. p.5). O apoio político oficial às atividades desenvolvidas nas US ocorreu em 2016, com a publicação da Resolução do Conselho de Ministros nº 76/2016 (Diário da República, 29 de novembro, 1ª série, nº 229). Com esta Resolução, as US são reconhecidas como ambientes que impactam diretamente na melhoria da qualidade de vida, bem-estar e inserção social das pessoas com 50 anos e mais, tanto do ponto de vista individual quanto coletivo, pois “os estímulos à capacidade de aprendizagem e participação podem contribuir para a sociedade se distanciar de alguns estereótipos e imagens negativas atribuídas ao envelhecimento e à velhice” (Resolução do Conselho de Ministros nº 76, 2016). Em 6 de Janeiro de 2021 é publicado pelo Gabinete da Secretária de Estado da Ação Social

o Despacho n.º 132/2021 que estabelece as normas regulamentares das US.

Dados recentes indicam o total de 368 Universidades Seniores com, aproximadamente, 62.000 alunos matriculados e mais de 7.500 professores voluntários (Jacob, 2020a). O aumento no número de participantes observado nestes programas educacionais acompanha a transição demográfica.

Diversas pesquisas têm demonstrado os benefícios na vida dos participantes que frequentam as US (Adamo, Esper, Bastos, Sousa, & Almeida, 2017; Mackowicz & Wnek-Gozdek, 2016). No estudo de caso organizado por Teixeira (2017) na US de Machico, verificou-se uma maior socialização e percepção de uma vivência mais ativa dos participantes após a frequência nos programas educativos da instituição, o que sugere benefícios para a qualidade do envelhecimento. Outros estudos destacam melhoras no estado de saúde física e mental, diminuição dos sentimentos de solidão e depressão, bem como a redução no consumo de medicamentos para a ansiedade (Jacob, Lisa, & Pocinho, 2019; Ricardo, 2016).

Porém, as peculiaridades dos professores de idosos em contextos de educação não formal são pouco exploradas (Cachioni, 2018). Pocinho, Lacerda e Santos (2015) sinalizam que os professores desempenham um papel central no funcionamento das práticas pedagógicas das US e que, portanto, eles devem estar preparados para atender as necessidades educacionais dos

alunos, compreendendo-os como um grupo heterogéneo e diversificado em relação aos níveis educacionais. Sobre os professores nas US são conhecidos poucos estudos, existe um de Pocinho, Lacerna, Santos (2015) qualitativo feito a 10 professores de uma US do norte de Portugal e outros três estudos internos da RUTIS.

Este artigo Pocinho baseado na análise de conteúdo aos questionários, refere a heterogeneidade da idade dos professores, “sendo que, através dos questionários, foi constatado que o professor mais novo tem 26 anos e o mais velho tem 72 anos” (p. 12). O nível alto de habilitações: “O facto de quase na totalidade apresentarem graus de ensino superior tem, certamente, correlação positiva na qualidade das práticas verificadas na Universidade Sénior” (p. 12). O gosto por ensinar e estar com os mais velhos a nível da motivação: “Tanto os mais velhos como os mais novos apontam que um dos principais fatores que contribuíram para se voluntariarem foi a possibilidade de ensinar mas sobretudo de aprender com os seniores” (p. 12); a melhor forma de lidar com os alunos seniores: “Temos de gerir a sala como uma família”.

A relação de/com os professores/alunos surge em primeiro plano para que o processo de aprendizagem com seniores seja efetuado de forma eficaz”, e a motivação dos alunos para aprender: “Nas universidades seniores os alunos que as frequentam pretendem de forma voluntária aprender, sem qualquer objetivo curricular adjacente. Talvez o facto de não existir avaliação pode fazer com que o sénior esteja neste contexto mais descontraído e motivado, como é verificado na seguinte resposta de um questionário [de um professor]: “Infelizmente os alunos mais velhos têm mais vontade de aprender” (p. 13). Os professores inquiridos também indicaram que gostariam de saber mais sobre gerontologia e pedagogia para seniores.

Os estudos internos da RUTIS foram quantitativos e focam-se na caracterização sócio-demográfica dos professores. O I estudo é de 2012, ao qual responderam 1.680 professores (60% são mulheres; 27,2% tem entre 61 a 70 anos e 20% entre os 51 e 60 anos; 65% tem o ensino superior e 46% são reformados), o II foi realizado entre 2012 e 2019 e foi uma análise aos 1.004 professores voluntários inscritos na bolsa de voluntariado da RUTIS (bolsa onde qualquer pessoa se pode inscrever para ser professor voluntário) e apresentou os seguintes dados: 74% são mulheres, 20% tem entre 51% e 60% anos e 18% tem entre 41 a 50 anos; 73.5% tem o ensino superior). O III estudo é de 2019 e é uma análise aos professores registados no programa de gestão das US¹ e contabilizava 2.175 inscritos (59% são mulheres; 37% tem menos de 50 anos e 29% tem entre 61 e 70 anos, 74% tem o ensino superior e 44% são reformados).

Neste artigo iremos apresentar quem são estes professores voluntários de acordo com a sua idade, escolaridade, participação, situação profissional e motivações.

2. Metodologia

A pesquisa de abordagem qualitativa e de carácter exploratória foi desenvolvida em ambiente virtual². Neste artigo são apresentados os resultados do nosso inquérito feito aos professores das US em 2016. Adotou-se a internet como um recurso para a recolha de dados nesta pesquisa devido a maior agilidade e rapidez no contato com as informações cedidas pelos inquiridos.

¹Ver www.gestaoutis.eu.

²Este artigo foi feito no âmbito da tese de doutoramento sobre as US portuguesas (Doutoramento em Sociedade do Conhecimento/Ciências da Educação da Universidade de Salamanca, Espanha) de Luis Jacob em 2020 e teve o apoio da RUTIS (Associação Rede de Universidades da Terceira Idade) reconhecida como uma instituição de Utilidade Pública que representa as US portuguesas e que tem como objetivo principal promover o envelhecimento ativo e as US.

Segundo Faleiros et al (2016), a utilização dos questionários virtuais configuram-se como um método alternativo diante do crescente uso da internet por diversos públicos e faixas etárias; além de proporcionar aos pesquisadores maior agilidade no desenvolvimento das pesquisas científicas.

A recolha das respostas dos professores decorreu em fevereiro de 2016. O inquérito foi anónimo com 17 perguntas fechadas e duas abertas (aspectos positivos e/ou negativos e sugestões ou comentários). Os inquéritos *online*, com perguntas de resposta obrigatória, foram enviados para os *e-mails* das US e dos seus professores, acompanhadas por um texto que indicava o objetivo do estudo. Foi realizado previamente um pré-teste a cinco professores. Recebemos 575 respostas, de 9 a 21 de fevereiro de 2016, em 5.900 existentes, à época, o que se traduziu numa amostra de 9,6%, com margem de confiança de 95% e margem de erro de .3,87.

3. Metodologia

Numa análise sumária dos dados obtidos, observamos que a maioria dos professores voluntários são mulheres (59.9%), com um curso superior (83.6%), o número de ativos empregados (53%) supera o dos reformados (38.7%), com idades variadas e com a particularidade de 9% terem menos de 30 anos e 38% terem mais de 61 anos.

Existirem professores de várias idades é um fator importante para uma transmissão de conhecimentos em todas as faixas etárias. Para Pimentel e Lopes (2020), o potencial de relação e de aprendizagem intergeracional é enorme, mas o seu aproveitamento depende, em grande medida, de iniciativas estruturadas, não se concretizando de forma espontânea. (...) Podemos afirmar, na linha de Beltran e Gómez (2013), que, neste domínio, o desafio que se coloca é transformar as turmas multigeracionais em espaços de intergeracionalidade. Como já afirmado em outras publicações (Pimentel & Lopes, 2017; Machado & Madeira, 2016), os professores terão um papel crucial a desempenhar neste processo e alguns mostram um particular interesse em abraçar este desafio, incentivando a inscrição e a participação dos seniores nas suas aulas, por considerarem que constitui uma mais-valia considerável para o processo de aprendizagem dos alunos mais jovens.”

A percentagem de voluntários com idade superior a 61 anos é de 38%, o que contrasta com estudos sobre o voluntariado noutros contextos e organizações em que nenhum obteve um valor tão alto para este grupo etário (Jacob, 2020a), devendo-se isto provavelmente ao facto de muitos professores voluntários das US serem também alunos nessas US.

Um outro dado relevante na análise está relacionado com as habilitações, o número de voluntários com um grau académico de mestrado ou doutoramento subiu consideravelmente entre 2012 (RUTIS, 2012) para 2016 de 8,1% para 26, 9%.

No que se refere à condição profissional, pode verificar-se que o número de professores reformados desceu de 45,1% em 2012 para 38,7% em 2016, tendo sido parcialmente substituídos pelos ativos.

Neste inquérito foi possível obter outras conclusões:

Relativamente ao grau de compromisso do voluntário, 90,3% dos inquiridos afirma não receber qualquer quantia em troca desta atividade, 4,7% recebe ajudas de custo e 5% são remunerados, seja através de valores monetários ou troca de serviços. Há o caso específico dos

professores que são trabalhadores das autarquias e que dão as aulas no seu horário de trabalho, mas que se ofereceram para serem professores. Neste caso é difícil definir o seu *status*, dado que são remunerados porque é durante o horário de trabalho, mas são voluntários porque se oferecem, agem espontaneamente, de livre vontade. Por norma, estes professores consideram-se voluntários.

54,7% dos inquiridos afirma que foi alguém da universidade sénior que o convidou para fazer parte deste projeto, 23,7% foram oferecer-se como voluntários à própria US, 6% era aluno da US e 2,1% usou o site da RUTIS para fazer a inscrição (bolsa de voluntários).

Relativamente ao tempo em que é professor voluntário, 34,5% está há mais de 4 anos, 26,3% está há 1 ano na US, 23,1% há 2 anos e 16% há 3 anos. O que denota que a maioria dos professores tem uma boa e longa relação com a entidade promotora do voluntariado. Rego *et al.* (2017) mencionam que quando o voluntário gosta do que faz por norma prolonga a atividade por tempo indeterminado. Mantendo a promoção de voluntariado responsável e prestigiante, este contribui para o aumento do sentido de responsabilidade do trabalho desenvolvido, constituindo-se como estímulo e fator de recrutamento para novos voluntários.

Na questão de quantas horas semanais dá aulas, 41,2% responderam 1 hora por semana, 32,5% indicou 2 horas, enquanto 13% e 13,2% responderam entre 3 e mais de 4 horas semanais, com uma média 2 horas semanais. Na Bolsa de Voluntariado, os candidatos a professores voluntários indicaram a sua disponibilidade de 1 hora, 30%, 57% de 2 a 3 horas e 13%, 4 ou mais horas, média de 2,25 horas/semana.

26,8% dos professores são ou foram alunos, o que indica que continua a tradição, muito própria das US, dos alunos serem professores e vice-versa.

A grande maioria (89,9%) indicou que gostaria de ter alguma formação específica para ser professor numa universidade sénior.

Em relação ao que é preciso para ser um bom professor de alunos seniores, os resultados apresentaram que os aspectos afetivos (boa relação professor/aluno, o professor ser compreensivo e saber motivar) foram considerados os mais importantes. Sobre esta temática específica as qualidades pessoais de ser paciente e empático destacaram-se como as “expressões” mais importantes aos que ensinam a seniores. A “paciência” representou ser uma condição necessária para os professores. Estes resultados corroboram com o estudo de Flauzino *et al.* (2020), no qual a paciência foi considerada pelos alunos idosos o atributo mais apropriado para os seus professores.

Em relação à prática de voluntariado, 32,8% respondeu que também é voluntário noutra instituição.

Numa análise sumária as perguntas livres os aspetos mais positivos destacados pelos professores foram a relação com os alunos; o poder ensinar; aprender com os alunos; o ambiente e a dinâmica da US; sentir-se realizado e útil; o interesse dos alunos e a partilha de conhecimentos.

Os aspetos mais negativos realçados foram (muitos não indicaram aspetos negativos): conjugar horários da aula com a vida profissional; as poucas condições/recursos de (algumas) US; os grupos heterógenos; o desinteresse de alguns alunos e a rivalidade/disputa entre algumas pessoas.

Na questão relativa à satisfação do voluntário na universidade, os dados não deixam dúvidas, com 41,2% dos inquiridos a indicar “Plenamente satisfeito” (PL) e 43,1% “Muito Satisfeito”(MS) e apenas 2,1% a expressar insatisfação (I), o que vai de acordo com grande parte dos estudos e comentários mencionados anteriormente, em que os voluntários falam sem qualquer tipo de restrições do seu contentamento ao realizar esta atividade.

Foram analisadas as categorias de género, situação profissional, idade, horas de aulas semanais, anos de serviço, como começou como professor, se é aluno não e qual o motivo por que escolheu ser professor voluntário.

Da observação dos dados obtidos vemos que nenhuma das categorias tem especial relação com o grau de satisfação em ser professor voluntário nas US. A única em que se nota uma ligeira alteração é na razão por que decidiu ser professor voluntário, quando a resposta é “ter tempo livre” ou “outra”, o grau de satisfação foi a menor encontrada (77,3% e 77,1% no somatório PS+MS) e 20% no “Satisfeito (S)” para “Ter tempo livre”, o maior valor encontrado.

Estes dados reforçam a ideia que a razão/motivo pela qual a pessoa realiza o seu voluntariado tem influência no seu grau de satisfação posterior. Se as causas do voluntariado forem mais altruístas e benévolas, o resultado será melhor para o voluntário e com consequência no beneficiário final.

Não foram encontradas diferenças significativas entre os professores voluntários que responderam que também eram voluntários noutras organizações (Somatório PL+SM de 84,9% para não voluntários noutros locais e 83,8% para os só voluntários na US, e somatório S de 13,7% e 15,4%, respetivamente).

No geral os valores mais altos e mais baixos encontrados foram no PS (46% na idade entre os 50-60 anos, 32% tenho tempo livre); no MS (51,9% em ofereci-me e 31,4% na outra razão para ser voluntário); S (20% no tenho tempo livre e 5,7% no outro para outra razão) e no I (17,1% no outro para outra razão e 0% no 41-50 anos).

Neste inquérito aos professores voluntários, pretendíamos também saber o que os motiva a ser voluntários nestas organizações por isso adicionamos ao inquérito a escala de motivação para o voluntariado VMS (*Volunteer Motivation Scale*/Escala de Motivação para o Voluntariado) de Millette e Gagné (2008). Este instrumento é composto por 12 itens que avaliam a motivação para a realização da tarefa voluntária (Martins, 2013).

Sobre as motivações, à questão “Principal motivação para dar aulas na universidade sénior”, os resultados voltam novamente a estar ligados à motivação intrínseca, quando 65,6% respondem como justificação o “gosto de ensinar” seguindo-se o item “ajudar as outras pessoas” com 36,8%.

Considerando o seu trabalho voluntário do último ano letivo. As afirmações estão dispostas seguindo quatro subescalas (com 3 itens cada uma) que avaliam: a motivação externa (ex.: “Para obter a aprovação das pessoas”), motivação interna (ex.: “Porque me faz sentir orgulhoso e uma pessoa de valor”), a motivação de identificação (ex.: “Porque o voluntariado tornou-se uma parte fundamental daquilo que sou”), e a intrínseca (ex.: “Pelo prazer que sinto ao fazer voluntariado nesta organização”).

Relativamente aos resultados da VMS, os seus valores médios variam entre um mínimo de 1,28 (item 1, DP=2,29) e 5,86 (item 12, DP=1.31), evidenciando dispersão nas respostas dadas

aos vários itens. A amplitude das respostas variou entre o mínimo de 1 e o máximo de 7, sendo que todos os itens registaram os limites possíveis da escala de resposta.

A motivação intrínseca foi a subescala que mais se evidenciou, os dados apresentados mostram que mais de 70% afirmam que “Têm prazer ao fazer voluntariado” e que é “Verdadeiramente importante fazê-lo enquanto pessoa” (68%), ver tabela 1.

Entendemos que a motivação intrínseca é a motivação que intervém de forma clara ao nível da relação entre voluntariado e bem-estar, nomeadamente na satisfação com a vida (Martins, 2013). Resultados que vão ao encontro do estudo de Ferreira (2012), em que a análise da satisfação dos voluntários revela que a categoria que obtém valores mais elevados é a motivação/ satisfação intrínseca.

Tabela 1. Análise às perguntas 1, 7, 8 e 12 da *Volunteer Motivation Scale*

Itens do VMS	Média (Ponderada)	Desvio Padrão
1. Para ter a aprovação das pessoas.	1,28	2,29
7. Porque sinto que é verdadeiramente importante para mim fazê-lo enquanto pessoa.	5,71	1,13
8. Porque fazer voluntariado tornou-se uma parte fundamental daquilo que sou.	4,92	1,0
12. Pelo prazer que sinto ao fazer voluntariado nesta organização.	5,86	1,31

Nota: Perguntas: 1 – Género; 7 – É aluno(a) da US; 8 – Grau de compromisso; 12 – Desde quando é professor (Fonte: Luis Jacob, 2020)

4. Conclusão

A pesquisa identificou os professores das US e as suas motivações e traduz-se num importante documento dado a sua abrangência nacional e por mitigar um pouco a ausência de estudos sobre esta temática. Foram analisadas as categorias de género, como sendo: situação profissional, idade, horas de aulas semanais, anos de serviço, como começou como professor, se é aluno não e qual o motivo por que escolheu ser professor voluntário e restrições do seu contentamento ao realizar esta atividade. Estas variáveis, todas conjugadas e analisadas para este estudo, dão-nos resultados mais sólidos acerca das principais características deste grupo, elementar para a sustentabilidade das US em Portugal.

Os professores das US representam assim, uma força motriz para o projeto, desempenhando um papel fulcral no funcionamento das US e no seu desenvolvimento contribuindo com práticas pedagógicas e com o seu *know-how*, pelo que se tornava imperativo conhecer melhor esta categoria profissional.

Este artigo contempla estudos anteriormente realizados e apresenta os resultados da investigação dos autores, datada de 2016, onde se pode concluir que, dos 7.544 professores, a maioria são licenciados, de todas as idades, a grande maioria são voluntários, que ministram 2 horas semanalmente na US e que se sentem muito felizes sendo professores voluntários.

As suas principais motivações são gostar de ajudar os outros e gostar de ensinar/partilhar conhecimentos, dados consolidados pela adição e análise da escala de motivação para o voluntariado VMS (*Volunteer Motivation Scale/Escala de Motivação para o Voluntariado*), com subescala “a motivação intrínseca”, a evidenciar-se (quase 70%).

Bibliografia

- Adamo, E., Bastos, S., & Almeida, P. (2017), *University of the Third Age: the impact of continuing education on the quality of life of the elderly*. *Revista brasileira de Geriatria e Gerontologia*, 20(4).
<https://doi.org/10.1590/1981-22562017020.160192>
- Cachioni, M. (2018). *Quem educa os idosos?* (2ª Ed). Campinas: Alínea.
- CEC (Commission of the European Communities), (2000). *A Memorandum on Lifelong Learning. Commission Staff Working Paper*, 1–36. Brussels
- Fejes, A., & Nylander, E. (2019). Introduction: Mapping the Research Field on Adult Education and Learning. In A. Fejes & E. Nylander (Eds.), *Mapping out the research field of adult education and learning* (Lifelong L, pp. 3–14). <https://doi.org/https://doi.org/10.1007/978-3-030-10946-2>
- Ferreira, P. M. (2012). *Acima dos 65 anos: Tendências, ocupações e participação. Um enquadramento sociológico para o estudo de público: Museus e público sénior em Portugal, percepções, utilizações e recomendações*. Acessível em:
http://dl.dropboxusercontent.com/u/9455021/Museus%20e%20senior_relatorio%20final.pdf.
- Flauzino, K., Sathler, S., Batistoni, T., Zaine, I., & Cachioni, M. (2020). *Letramento Digital para 413 Idosos: percepções sobre o ensino-aprendizagem*. *Educação & Realidade*, 45(4), 1–
<https://doi.org/http://dx.doi.org/10.1590/2175-6236104913>
- Formosa, M. (2002). *Critical gerogogy: developing practical possibilities for critical educational gerontology*. *Education and Ageing*, 17(1), 73–85.
- Formosa, M. (2019a). Active Ageing Through Lifelong Learning: The University of the Third Age .. In M. Formosa (Ed.), *The University of the Third Age and Active Ageing European and Asian-Pacific Perspectives* (pp. 3–18). https://doi.org/https://doi.org/10.1007/978-3-030-21515-6_21
- Formosa, M. (2019b). Universities of the Third Age. In D. Gu & M. E. Dupre (Eds.), *Encyclopedia of Gerontology and Population Aging* (pp. 1–6). <https://doi.org/10.1007/978-3-319-69892-2>
- Hachem, H. (2020). Is there a need for a fourth statement? An examination of the critical and humanist statements of educational gerontology principles. *International Journal of Lifelong Education*, 00(00), 1–1313.
<https://doi.org/10.1080/02601370.2020.1801869>
- Jacob, L. (2020a), *Universidades Seniores Portuguesas: Caracterização e desenvolvimento* (Tese de Doutoramento em Ciências da Educação, Universidade de Salamanca), Espanha.
- Jacob, L. (2020). *US em Portugal e apresentação da bolsa de estudos superiores RUTIS/PSE. V International Scientific Conference of Educational Projects for Seniors - RIPE+50*, December, 9 Th. Online.
- Jacob, L., Lisa, V., & Pocinho, R. (2019). *The senior universities students in Portugal and Brazil*. *Geopolitical, Social Security and Freedom Journal*, 2(1), 11–20. <https://doi.org/10.2478/gssfj-2019-0002>
- Kern, D. (2018). *Research on epistemological models of older adult education: the need of a contradictory discussion*. *Educational Gerontology*, 44(5–6), 338–353. <https://doi.org/10.1080/03601277.2018.1475123>
- Mackowicz, J., & Wnek-Gozdek, J. (2016). *“It’s Never Too Late to Learn”--How Does the Polish U3A Change the Quality of Life for Seniors?* *Educational Gerontology*, 42(3), 186–197.
<https://doi.org/http://dx.doi.org/10.1080/03601277.2015.1085789>
- Martins, C. (2013), *Motivação para realizar voluntariado: estudos segundo as abordagens funcionalista e da autodeterminação*, Dissertação de doutoramento em Psicologia na Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade do Algarve.
- Millette, V., & Gagné, M. (2008). *Designing volunteers’ tasks to maximize motivation, satisfaction and performance: The impact of job characteristics on volunteer engagement*. *Motivation and Emotion*, 32(1), 11–22.
[10.1007/s11031-007-9079-4](https://doi.org/10.1007/s11031-007-9079-4)
- Nelson, T. D. (2005). Ageism: Prejudice against our feared future self. *Journal of Social Issues*, 61(2), 207–221pp.
<https://doi.org/10.1111/j.1540-4560.2005.00402.x>
- Páscoa, G. M. G., & Gil, H. M. P. T. (2019). *As universidades seniores e o envelhecimento ativo: os impactos junto das pessoas idosas em Portugal*. *Revista Kairós : Gerontologia*, 22(1), 41–58. <https://doi.org/10.23925/2176-901x.2019v22i1p41-58>
- Pimentel, L., Lopes, S. e Faria, S. (2016), *Envelhecendo e aprendendo, a aprendizagem ao longo da vida no processo de envelhecimento activo*. Edições Coisas de Ler.
- Pocinho, R., Lacerda, J., & Santos, G. (2015). *Percepções e ajustamentos dos Professores de universidades seniores nos contextos educacionais com Pessoas idosas em Portugal*. *Revista Electrónica Sinéctica*, (45). Retrieved from <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=99840299003>

- Rego, R. et al (2017), *Voluntariado em Portugal: do trabalho invisível à validação de competências*, in *Sociologia, Problemas e práticas*, nº 83.
- Resolução do Conselho de Ministros nº 76. (2016). *Diário da República, Série I, nº 229*. Retrieved from *Diário da República*, <https://dre.pt/application/conteudo/105276961>
- Ricardo, R. (2016). *A Educação e a Terceira Idade em Portugal: estudo exploratório de uma Universidade Sénior*. *Investigar Em Educação*, série II (5), 99–116. Retrieved from <http://pages.ie.uminho.pt/inved/index.php/ie/article/view/113/112>
- Rozendo, A. da S. (2015). *Entrevista com o Professor François Vellas*, Ph. D. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, 18(1), 213–217. <https://doi.org/http://dx.doi.org/10.1590/1809-9823.2015.0057>
- RUTIS (2012), *Estudo sobre os professores voluntários*, acessível em www.rutis.pt
- RUTIS. (2016). *Caracterização sumária das Universidades Seniores Portuguesas* (p. 5). p. 5. Retrieved from [http://rutis.keyweb.pt/assets/stores/1175/userfiles/Caracterização sumária das utis.pdf](http://rutis.keyweb.pt/assets/stores/1175/userfiles/Caracterização%20sumária%20das%20rutis.pdf)
- Santos, V., Lopes, S., & Lobão, C. (2018). *O contributo da Universidade Sénior de Pombal na promoção do envelhecimento ativo dos seus estudantes*. *Research and Networks in Health*, 1(4), 1–4.
- Teixeira, E. (2017). *A Importância Da Universidade Sénior Para Um Envelhecimento Ativo: Universidade Sénior De Machico - Um Estudo De Caso Na Ram* (Instituto Politécnico de Santarém). Retrieved from [https://repositorio.ipsantarem.pt/bitstream/10400.15/1807/1/Dissertação %28versão final%29.pdf](https://repositorio.ipsantarem.pt/bitstream/10400.15/1807/1/Dissertação%20versão%20final.pdf)